

## Crianças de Juiz de Fora (MG) e suas representações de cidade e campo<sup>1</sup>

**Carla Cristiane Nunes  
Vicente Paulo dos Santos Pinto**

### RESUMO

Considerando campo e cidade, rural e urbano como categorias e realidades peculiares, contudo, indissociáveis, o presente trabalho focaliza as representações dessas formas e conteúdos por crianças de Juiz de Fora (MG), entre 8 e 12 anos, com experiências consideradas tipicamente urbanas, o que foi originalmente questão de investigação da dissertação de mestrado *‘É muito difícil você ver uma carroça no centro da cidade’*: Crianças de Juiz de Fora (MG) e suas representações de cidade e campo. A pesquisa foi construída em coerência com os pressupostos da investigação qualitativa e teve como objetivo conhecer as representações de campo e cidade, em especial das 12 crianças participantes, por meio de seus desenhos e falas, buscando perceber as concepções que lhes estão subjacentes. Referente à temática das categorias campo/cidade/urbano/rural, o trabalho pauta-se teoricamente em autores como Henri Lefebvre, Raymond Williams, Ana Fani Alessandri Carlos, João Rua e outros. As descobertas da pesquisa são pensadas à luz de referências como Milton Santos, Paulo Freire, Rafael Straforini e Helena Coppetti Callai, na defesa de que a Geografia tem uma função social de auxílio na leitura do lugar-mundo. As imagens, os desenhos e outras formas de representações são essenciais no processo de elaboração dessa leitura que precisa transcender o aparente.

### PALAVRAS-CHAVE

Relações campo-cidade; Representações; Desenhos; Crianças de Juiz de Fora; Ensino de geografia

<sup>1</sup> O presente artigo foi construído a partir das descobertas da pesquisa *‘É muito difícil você ver uma carroça no centro da cidade’*: Crianças de Juiz de Fora (MG) e suas representações de cidade e campo, dissertação de Mestrado em Educação defendida pela 1ª autora, em março de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, orientada pelo professor doutor Vicente Paulo dos Santos Pinto – Professor/Doutor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora e Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição. Alguns resultados da pesquisa citada foram divulgados em outros trabalhos e este artigo vem ampliar as discussões feitas naqueles momentos.

Children of Juiz de Fora (MG)  
and its representations of city and country

**ABSTRACT**

*Whereas city and field, rural and urban like categories and peculiar realities, however, inextricably linked, this work focuses on the representations of these forms and contents of children in Juiz de Fora (MG), between 8 and 12 years with experiences considered typical urban what was originally a matter of Masters 'It is very difficult you see a cart in the city center': Children of Juiz de Fora (MG) and its representations of city and country. The survey was constructed in line with the assumptions of qualitative research and aimed to understand the representations of rural and urban, in particular the 12 participating children, through his drawings and words, seeking to understand the concepts behind them. Referring to the theme of the categories field / city / urban / rural, the work is based theoretically on authors such as Henri Lefebvre, Raymond Williams, Ana Fani Alessandri Carlos, João Rua and others. Research findings are considered in the light of references to Milton Santos, Paulo Freire, Rafael Straforini and Helena Coppetti Callai, on the assertion that geography has a social function of aid in the reading of the place-world. The images, designs and other forms of representations are essential in the preparation process of reading that needs to transcend the apparent.*

**KEYWORDS**

*Urban-rural relationship; Representations; Drawings; Children of Juiz de Fora; Teaching geography*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo foi construído a partir das descobertas da pesquisa *‘É muito difícil você ver uma carroça no centro da cidade’*: Crianças de Juiz de Fora (MG) e suas representações de cidade e campo, dissertação de mestrado defendida em março de 2009 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Num primeiro momento, optamos por não vincular explicitamente a questão central de investigação da pesquisa à escola por compreendermos que as concepções sobre campo e cidade não se limitam àquelas estudadas nesse espaço, apesar dele também ter considerável contribuição nessa construção.

Assim, inicialmente, quando o interesse é conhecer as representações de campo e cidade de um grupo de crianças, a escola aparece de uma forma sutil, pois a investigação se deu com a participação de crianças estudantes. Posteriormente, a educação – que transcende a sala de aula e o próprio ambiente escolar – terá papel de destaque no estudo dos resultados.

Com a questão “Que representações, crianças de Juiz de Fora com vivências tipicamente urbanas, possuem/reconstroem do campo e do modo de vida rural?”, utilizamos na pesquisa instrumentos que nos possibilitassem conhecer tanto a representação de campo, como de cidade dos sujeitos participantes. Isso se deu, quando percebemos que, à luz do referencial teórico que comungamos, seria incoerente se isolássemos a representação de campo apenas. Demarcar esse isolamento poderia tender ao não aparecimento do *continuum* e das relações entre campo e cidade, por exemplo.

Uma outra questão, complementar à primeira, que também norteou a pesquisa foi: “Que concepções estão subjacentes às representações de campo e cidade produzidas por crianças de Juiz de Fora com vivências tipicamente urbanas?” Essa questão foi elaborada no intuito de ir além do ‘conhecer’ que a primeira questão possibilitava. Com o acesso às representações consumado, essa questão complementar nos guiou na busca das concepções de campo e cidade que ali estavam latentes.

Diante disso, os objetivos do trabalho, do geral para os mais específicos, foram: conhecer as representações que crianças de Juiz de Fora com vivências tipicamente urbanas possuem/reconstruem sobre o campo; descobrir as concepções de campo e cidade, subjacentes às representações das crianças participantes da pesquisa; perceber se as crianças participantes da pesquisa conseguem apreender as relações existentes entre campo e cidade; refletir sobre a importância da Geografia escolar na leitura espacial, necessária à construção de conhecimentos relativos ao campo e a cidade.

Em relação aos caminhos metodológicos escolhidos, esses estão atrelados à pesquisa qualitativa. Com as questões investigativas em vista, fizemos uso de dois instrumentos, a representação gráfica por meio de desenho e a entrevista semi-estruturada.

Muitos autores, com suas perspectivas, contribuíram na elaboração das idéias que permeiam este trabalho. Alguns tiveram participações mais densas, configurando nosso referencial teórico. Dentre eles destacamos aqui: Raymond Williams, de grande relevância no que diz respeito às representações que o campo e a cidade tiveram ao longo da história, sobretudo a partir da Modernidade, após a chamada Primeira Revolução Industrial na Inglaterra, e Paulo Freire, educador brasileiro que defendeu a valorização da cultura local como pressuposto ideal nos processos educativos que evocam transformações na sociedade.

## **CATEGORIAS CIENTÍFICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Como apontado, compreendemos campo, cidade, rural e urbano como categorias e realidades socioespaciais que tem suas peculiaridades, mas que são indissociáveis, o que tem sido foco de intensos debates no meio acadêmico. Contudo, tais categorias não se restringem às discussões acadêmicas e às reflexões dos teóricos, elas também se apresentam como representações sociais, como conhecimento que vem sendo, historicamente, elaborado pelo senso comum.

### As categorias

Esta discussão, concernente às categorias cidade, campo, urbano e rural, não tem a preocupação de encontrar definições absolutas, fechadas, mas, apresenta-se como uma tentativa de organizar uma reflexão sobre algo que tem sido foco de um debate intenso entre cientistas das diversas áreas do conhecimento.

O que separa ou diferencia a cidade do campo? Qual o limite entre eles? O que pode caracterizar um espaço como urbano ou como rural? Dentro de um município como Juiz de Fora, por exemplo, tradicionalmente industrial, o que define o que é urbano e o que é rural, ou mesmo, existe o rural? Tais questões são muito pertinentes diante do critério de classificação do que é cidade no Brasil, e frente aos apontamentos para um “novo rural”.

Enquanto, na antiguidade, as primeiras divisões do trabalho diferenciavam cidade e campo, facilitando a delimitação dos mesmos, e, no medievo, os muros eram característica essencial da demarcação, cercando a cidade e separando-a do campo, na modernidade, definir limites entre um e outro é tarefa complexa, pois estes tendem a desaparecer fisicamente (ENDLICH, 2006).

Frente ao desenvolvimento de atividades distintas das tradicionais no campo, muitos estudiosos apostam no nascimento de um novo rural e a partir disto formulam suas teorias para pensar as novas funções que acreditam serem atribuídas ao campo. Porém, antes de pensar no novo rural, é fundamental estabelecer o que é rural, para, enfim, concluir: “[...] será que o novo rural é realmente rural?” (ENDLICH, 2006, p.12).

No contexto brasileiro, por exemplo, o fundamento utilizado para definir o que é cidade é um Decreto-Lei instituído pelo Estado Novo em 1938<sup>2</sup>. O Decreto-Lei 311 aponta como cidade a área do Distrito Sede, independentemente das relações que se estabelecem no

---

<sup>2</sup> É importante acrescentar que essa é a definição legal, desde 1938, utilizada pelo IBGE. Contudo, a partir de 1988, as Prefeituras Municipais tem autonomia para definir o que é rural e urbano nos limites de seus municípios.

espaço em questão (BERNADELLI, 2006). Se a cidade é definida como sendo a área do Distrito Sede, logo, o campo é o que não é cidade.

Na busca de transcender o aparente, Endlich (2006) defende, embasada em autores como Beaujeu-Garnier, Wirth, Lefebvre e Milton Santos, a cidade como centralidade, como um núcleo que exerce influência sobre o entorno, indicando que o urbano estende-se para além da cidade. Neste sentido, o urbano é muito mais do que a forma, o urbano é conteúdo, é modo de vida, que ultrapassa as fronteiras da cidade, atinge o campo e supera o rural. Logo, cidade e urbano são conceitos distintos, assim como campo e rural também o são.

Endlich (2006) e Sobarzo (2006), ambos influenciados pelo francês Henri Lefebvre, se aproximam ao compreenderem o rural e o urbano como modos de vida, como conceitos relacionais que contemplam cultura, costumes e hábitos, e assim vão além do território, da materialidade. Os autores convergem ao considerarem o “novo rural” como não-rural, visto que é criado por uma demanda da cidade e só tem aparência de rural.

Rua (2006), com relação a isto, afirma que, além do campo já vir sendo considerado como mercadoria capaz de produzir outras por intermédio do trabalho e gerar renda também através da especulação, atualmente, a natureza e as “atratividades” do campo são mercadorias valiosas. O autor assegura que este não é um “novo rural”, e sim novas imagens, novos sentidos para este espaço “que mantém a visão produtivista, até agora dominante, mas que se traduzem em novos qualificativos para outras relações entre o espaço urbano e rural e entre a cidade e o campo” (RUA, 2006, p.85).

Estas considerações levam Rua (2006) a defender a idéia de “urbanidades no rural”, que segundo o autor difere daqueles que falam de uma “urbanização do rural”. Esta levaria ao desaparecimento do rural que se tornaria urbano, enquanto aquela preservaria as especificidades do rural, contudo, considerando-o como um território híbrido, onde urbano e rural interagem.



Rua (2002), em momento anterior, já defendia a permanência do rural:

Para nós não se trata do fim do rural destruído pela urbanização homogeneizadora, [...] chamamos atenção para o processo de desenvolvimento do capitalismo que se dá de maneira desigual no espaço. [...] O rural, ao guardar especificidades das práticas espaciais de suas populações, garante (e, em alguns casos, fortalece) a identidade territorial que, mesmo submetida às lógicas difundidas a partir da cidade, ainda permite a essas populações uma certa autodeterminação (RUA, 2002, p. 33-34).

Lefebvre (1969) aposta numa sociedade urbana em constituição. O teórico acredita que esta sociedade tem suas origens no processo de industrialização, quando a superação da precariedade foi possibilitada pela evolução tecnológica.

Contudo, o autor lembra que nem toda sociedade tem acesso aos meios necessários para vencer a precariedade, logo, a chamada sociedade urbana é uma projeção, uma virtualidade. Tal sociedade refere-se à qualidade de vida, qualidade nas relações humanas e, assim, está muito distante de concretizar-se, é uma realidade não concluída.

### **As representações sociais**

Representação social é conhecimento socialmente elaborado e partilhado por dado grupo, é ideológica e circula nos discursos (JODELET, 2001). Sendo o saber do senso comum, se diferencia do conhecimento científico, mas, como esse, é objeto legítimo de estudo. Na modernidade, as mídias têm importante intervenção em sua elaboração, o que se dá de forma muitas vezes manipuladora ao veicular mensagens e imagens.

Logo, é importante atentar para o fato de que essas ditas construções do senso comum não vêm dissociadas do contexto em que se levantam e das influências que esse exerce. Tendo nossa pesquisa como foco de estudo as representações de campo e cidade que as crianças possuem e reconstróem, torna-se importante buscar como que, historicamente, as representações de campo e cidade se apresentam.

Para Williams (1989), o modo de produção capitalista é o processo que engendrou a grande parte da história conhecida de campo e cidade. Nesse sentido, ele busca analisar o contexto em que as ideias de campo e cidade são construídas e o que está associado a essas ideias.

A Inglaterra, considerada precursora na chamada Revolução Industrial, é o foco de estudo de Williams (1989). Ela é afetada bruscamente pelas transformações nas relações campo e cidade quando o campesinato tradicional é mui rapidamente suprimido por uma agricultura moderna e multidões de camponeses são expulsas das propriedades. Contudo, segundo Williams (1989), apesar de seus estudos estarem voltados às experiências inglesas, algumas vistas e vividas por ele, suas análises e constatações extrapolam seus limites.

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p.11).

As inovações absorvidas rápida e amplamente pela cidade, e ao mesmo tempo tendo essa como seu berço, aumentaram a lacuna entre campo e cidade. O campo é associado a uma imagem do passado, enquanto a cidade era a visão do futuro, o retrocesso *versus* o progresso. As práticas e formas de organização do campo e da cidade são diversas, contudo as representações que existem de campo e cidade não obedecem a essa diversidade e trazem em si características muito recorrentes.

No Brasil, Ianni (2002) afirma que nós ansiamos por encontrar nossa fisionomia, nosso conceito, mas ao mesmo tempo essa busca se divide com o entendimento de que o Brasil é “[...] uma constelação de tipos, com alguns dos quais se constroem tipologias, sendo que, em alguns casos, desdobram-se em mitos e mitologias” (IANNI, 2002, p.180). Nesse movimento são criados personagens reais e fictícios, imagens que representam grupos, dissociadas de contexto, processos, relações.



Dentre essas imagens do brasileiro, Ianni (2002) aponta uma das mais conhecidas: a figura do Jeca Tatu, um personagem morador do campo da década de 1910. É importante lembrar que essa representação é criada num Brasil predominantemente rural, e o lugar de onde o escritor Monteiro Lobato fala é como um proprietário de terras e, assim, pode-se dizer que ele fala de uma posição privilegiada sobre o trabalhador rural.

Chianca (2007) afirma que após o Jeca surgem outros personagens que reforçam a imagem dominante do caipira, influenciando as representações sociais sobre o homem do campo. Uma dessas criações é o Chico Bento, que mostra a ambiguidade da representação citadina do homem rural. Ao mesmo tempo que ele conquista por sua simpatia e simplicidade, é também “obtuso, ignorante, incapaz de responder às mínimas exigências da escolaridade; de outro lado, identificamos nele dotes louváveis: amigo, filho amoroso, defensor da natureza, criança de bom coração e boa índole” (SILVA *apud* CHIANCA, 2007, p.47).

Criado por Maurício de Sousa na década de 1960, Chico tornou-se popular por meio das revistas em quadrinhos, que começam a ser publicadas a partir de 1970, o que o consagrou como um “herói caipira” que se encontra entre o tradicional e o moderno (CÓRIO, 2006, p.125).

O personagem em questão simboliza o brasileiro que vive no campo. Suas características falam do amor à natureza – através do cuidado com a terra e com os animais, a tranquilidade e simplicidade propiciadas pelo ambiente rural, a religiosidade, etc. As roupas e o próprio nome do personagem têm seus significados subjacentes.

Tais informações subliminares contribuem para os leitores imaginarem e construir suas concepções sobre o espaço em que as aventuras se desenvolvem, conforme salienta Cório (2006). O campo passa a ser, então, concebido como o local do descanso, da brincadeira, ‘de pegar fruta no pé’, de tranquilidade e respeito à natureza.

A partir de uma breve observação do personagem Chico Bento e também dos demais que compõe sua turma, Rosinha, Zé da Roça, Hiro, Zé Lelé, é possível perceber os fios que perpassam todos eles, assim como os enredos e os cenários. Esses fios originam-se no choque entre o moderno e o arcaico, a vida rural idealizada, a exaltação dos valores tradicionais e familiares, mas, concomitantemente, a relação entre campo e atraso intelectual.

Mesmo que no personagem de Maurício de Souza, diferentemente do Jeca Tatu, as virtudes do homem do campo sejam ressaltadas, os estereótipos se mantêm e a oposição entre campo e cidade pode ser facilmente detectada nas histórias. Procópio (2005) afirma que, numa observação superficial de 155 números dos quadrinhos de Chico Bento, foi possível encontrar que o confronto entre campo e cidade é uma das temáticas mais recorrentes da revista, ao lado da vida escolar de Chico.

Tais representações são absorvidas mecanicamente e reproduzidas pelas pessoas? Como crianças moradoras de uma cidade média como Juiz de Fora, com vivências tipicamente urbanas representam o campo e a cidade? O que será que elas pensam sobre o modo de vida rural? Que características são atribuídas às pessoas que moram no campo? E na cidade? Será que suas representações reproduzem essas já consolidadas no imaginário social? Enfim, que representações elas possuem/reconstroem do campo e do modo de vida rural?

### **CRIANÇAS DE JUIZ DE FORA (MG) E SUAS REPRESENTAÇÕES DE CIDADE E CAMPO**

As 12 crianças que participaram da pesquisa *‘É muito difícil você ver uma carroça no centro da cidade’*: *Crianças de Juiz de Fora (MG) e suas representações de cidade e campo* são moradoras dos bairros Linhares e Bom Jardim, localizados na chamada região leste do município de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Os dois bairros são ‘conurbados’<sup>3</sup> partilham ruas, praças e até uma fazenda, que são, muitas vezes, apontadas pelos moradores como pertencentes a um ou outro bairro. Em relação à fazenda, alguns

<sup>3</sup> Conceito da ‘Geografia Urbana’, utilizado para se referir ao fenômeno de fusão entre uma ou mais cidades, pressuposto para a criação de regiões metropolitanas. Aqui é usado para dizer que os bairros estão fundidos e não existe uma delimitação precisa entre eles.



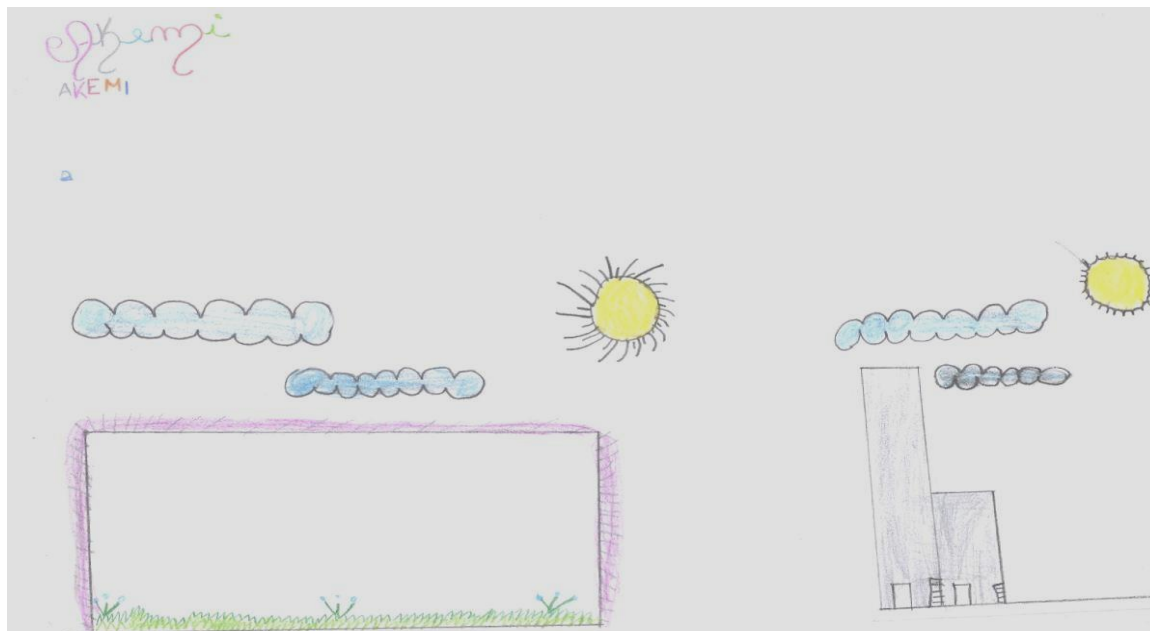
entendem que ela está no centro do bairro Linhares e outros dizem que ela está no início do bairro Bom Jardim. Esse exemplo é elucidativo de como as formas campo e cidade podem ser facilmente percebidas nessa localidade, pois existem muitos outros, como a área de transição entre Linhares e Santa Inêz, Linhares e Vila Almeida, etc. Juntos, os dois bairros têm cinco escolas públicas, onde os sujeitos da pesquisa estudam.

Como a questão de investigação da pesquisa diz respeito às representações que as crianças participantes – de vivências que podem ser consideradas tipicamente urbanas – possuem/reconstróem sobre o campo, elas fizeram desenhos, falaram deles e conversaram sobre o campo e a cidade, contribuindo com seus saberes para uma relevante reflexão geográfica.

Com a compreensão de que as representações são produzidas por sujeitos de conhecimento, em momento algum se busca rotular seus desenhos e suas falas como certas ou erradas, mas analisá-las como representações, observando suas características mais acentuadas, sua constituição e relevância para a construção de uma leitura de mundo do ponto de vista da Geografia.

No momento do contato com a criança para a realização da entrevista, ela recebia uma folha tamanho A4, lápis, borracha e lápis de cor e, em seguida, era solicitada a desenhar na folha o campo e a cidade.

Aleatoriamente, para apresentar neste artigo, escolhemos 5 desenhos das crianças participantes.



**FIGURA 1** – Autora do desenho: Akemy -11 anos



**FIGURA 2** – Autor do desenho: Mateus - 11 anos



# ETD

10 anos Educação Temática Digital



FIGURA 3: Autora do desenho: Laura - 10 anos



FIGURA 4 – Autor do desenho: Maycon - 10 anos



**FIGURA 5** – Autor do desenho: Gustavo – 10 anos

A partir dos desenhos das crianças, extensos diálogos foram estabelecidos gerando um grande volume de falas<sup>4</sup>. Ante a impossibilidade de apresentar todas elas, alguns trechos das conversas com as 12 crianças participantes foram selecionadas.

Após a criança falar de seu desenho, a pergunta era se campo e cidade, na opinião dela, eram diferentes.

*“São. Porque quando você vai no campo o ar tá com cheiro bom. Na cidade, o cheiro fica com fumaça.” (Brenda)*

*“Bem diferentes. Ah, a cidade, né, digamos que é mais evoluída do que o campo. Campo não tem...igual...prédios. É até pode ser que agora o campo tem algumas casas. Não tem padaria, não tem lanchonete. Muita coisa que tem na cidade não tem no campo.” (Maycon)*

<sup>4</sup> Intervenções da pesquisadora – no caso a primeira autora do presente artigo – aparecem em itálico e em negrito para serem diferenciadas das falas das crianças.



“São. Porque assim, no campo não tem muita coisa. Cidade já tem muita coisa. O cara do campo, assim, a pessoa que é do campo não fala muita coisa certa. É bem diferente. As pessoas da cidade já estudam todo, todo, todo dia. Eles usam roupas diferentes, os lugares são diferentes. **Hum hum. Como é que são as roupas deles?** Assim, lá no campo fica mais descalço e... e...usa umas roupas...deixa eu ver....Ah, não sei. Eles trabalham muito de macacão, eu acho, e usa chapéu.” (Laura)

Numa breve observação dessas falas, assim como pôde ser observado em muitos dos desenhos, a característica que se destaca é a oposição para demarcar as diferenças. A cidade é sempre lembrada atrelada à poluição, o campo como um lugar limpo, de ar puro, de águas incontaminadas, por vezes, como uma natureza intocada, utilizando a expressão de Diegues (2004).

Outra questão buscou perceber como os sujeitos concebem a relação interdependente entre campo e cidade.

“**Em sua opinião, o campo precisa da cidade para alguma coisa?** Hum hum. Para ir no mercado comprar as coisas, mas também tem que ir na cidade para trabalhar. **E a cidade precisa do campo?** Não. **Para nada?** Precisa. É... no campo deve ter verdura para comprar, milho, tomate. **Aí elas mandam caminhão para pegar as coisa e o caminhão vai para o mercado.**” (Gustavo)

“**Akemi, em sua opinião, o campo precisa da cidade?** Não. Acho que não. **E a cidade, Akemi, precisa do campo para alguma coisa?** Não.” (Akemi)

Posteriormente, a entrevista contemplava as definições de campo e cidade dos sujeitos participantes.

“**Campo é...** roça, lugar onde fica.... fica.... as pessoas que falam meio errado. **Cidade é...** lugar de gente civilizada. **Ham...** deixa eu ver... eu não sei muito não... **Se você tivesse que explicar para alguém o que é cidade, o que vocêalaria?** Cidade é chique. Cidade é bom. Cidade tem luz. Cidade tem energia elétrica. Cidade tem um monte de coisa boa.” (Laura)

“**O campo ele é bem melhor do que a cidade. Segunda vez só que eu vou no campo. Já fui duas vezes e nessas duas vezes eu vi que o campo tem várias fruta. É bom subir em árvores, panhar algumas fruta. É manga que tem, é limão, muita coisa que tem. E a cidade? Como vocêalaria para uma amigo que nunca veio à cidade?** Eu ia falando assim: Não assusta não, é uma bagunça que não tem como terminar. É gente passando, é gente vindo. É muito carro. Não é tranquilo igual é aqui não, hein? É uma bagunça.” (Maycon)

*“Campo é..... campo é lugar para se divertir. Não lá não tem nada assim que possa deixar a gente chato. Por que na cidade a gente nem pode andar direito, por que senão carro atropela. Campo você tem uns riozinho que você pode nadar sem sujeira. Na cidade os córrego ta tudo cheio de cocô, de peixe morto.... E no campo, você pode fazer piquenique, na cidade não.”*

*“Cidade é muito ruim! Porque cê não pode fazer nada! A única coisa que cê pode fazer é comprar. Porque no campo não tem lugar para comprar. Na cidade você pode comprar o alimento, andar de carro. Só!”(Brenda)*

*“O que que é cidade para mim? Cidade para mim é uma... não tem como explicar. É um lar para mim.”*

*“Campo tem muitas árvores, muitas flores.” (Adrielle)*

*Eu ia falar com ela que a cidade é muito diferente de uma roça, porque na roça não tem muito crime e porque lá não tem... lá costuma ser um deserto, como eu já tinha falado e que aqui não é, aqui já tem muito mais coisas, mais lojas, mais coisas para a gente fazer. (Akemi)*

A violência esteve subjacente nas falas das crianças e sempre apareceu associada à cidade. Quando esse assunto foi diretamente inserido na conversa, essa tendência se confirmou como se pode ver.

*“Na sua opinião, Leo, no campo existe violência? Não. E na cidade, existe? Humhum. Ficar brigando... Ficar bebendo e dirigir, né?” (Leonardo)*

*“Existe violência no campo? Não. E na cidade? Existe. É matar as pessoas, ameaçar com arma, faca e...só.” (Gustavo)*

*“No campo existe violência? Não. É tudo quieto. E na cidade? Briga, tem gangue que vem com arma e fica brigando.” (Mateus)*

As representações de campo e cidade das crianças participantes da pesquisa, conhecidas através de seus desenhos e falas, trazem uma diversidade de respostas. Todavia encontramos nestas núcleos comuns, sobre os quais discorreremos a seguir, ainda que superficialmente.

Aparece nas representações uma separação precisa entre campo e cidade. Nos desenhos das crianças é possível ver campo e cidade como dois espaços separados, independentes. As separações são efetuadas por linhas demarcatórias ou por elementos de repetição (dois sóis – um para o campo e outro para a cidade, por exemplo) que denotam a concepção de dois espaços incomunicáveis.

A noção de *continuum* aparece claramente apenas no desenho do Gustavo (Figura 5), quando ele representa campo e cidade em comunicação através de uma estrada. Também pode ser observado apenas um arco-íris e um sol contemplando todo o desenho.

A oposição entre campo e cidade surge nas representações para defini-los. Elementos naturais x elementos construídos, pobreza x riqueza, atraso x progresso, etc. são idéias que permeiam tanto os desenhos quanto os diálogos.

Percebemos também que cidade e campo são evocados como espaços longínquos pelas crianças. Raramente as representações – desenhos e falas – estão associadas aos espaços de vivência, quase sempre a representação é de um espaço abstrato. A cidade é comumente indicada como o centro urbano, onde se vai para comprar ou resolver algo.

Por fim, a presença do ser humano raras vezes foi representada nos desenhos das crianças, tanto no campo, como na cidade. A presença de um ser destruidor e poluente aparece muitas vezes nas falas sob o cognome de ‘homem’, um homem genérico com quem não parece haver identificação pessoal.

Diante dessas constatações, seria razoável considerar que as representações das crianças estão erradas? Absolutamente que não. São representações. São modos de conceber o espaço, muitas vezes abalizados pelo senso comum, e precisam ser analisados.

As representações, gráficas e verbais, reafirmaram, sobretudo, a Geografia em sua função de leitura de mundo. Aquelas representações das crianças de campo e cidade, sob um enfoque geográfico, são leituras espaciais.

Tomando o que desenvolveu Freire (2000) sobre a questão da alfabetização, é possível notar que o autor condiciona a importância do ato de ler a palavra à leitura de mundo, uma leitura menos ingênua, que transcende as aparências do objeto lido. Uma leitura que compreende esse objeto em sua complexidade, em suas relações com os sujeitos e com outros objetos.

De que mundo fala Freire (2000)? Fazendo uma associação do que esse autor defende com a Geografia, pode-se dizer que se ele enfatiza o espaço vivido, e, daí, esse mundo é lugar – geograficamente falando – que, contudo não é autointerpretativo. O lugar inscreve-se numa teia de relações complexas que necessita de instrumentos próprios para uma leitura mais profícua, capaz de suplantar a aparência espacial e alcançar, a partir da forma, a função e o processo.

Callai (2005, p.229), num posicionamento crítico à Geografia Tradicional e também ao ensino tradicional de Geografia, afirma que a função essencial da Geografia na escola é “ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca de sua sobrevivência e da satisfação de suas necessidades.” Nessa perspectiva, o trabalho com espaços fragmentados, com questões desconexas, torna-se inútil para essa leitura. É impraticável uma reflexão sobre qualquer aspecto do campo e da cidade em que as relações entre eles são tomadas secundariamente ou não são tomadas (RUA, 1993), ou uma discussão que não os perceba dentro de uma realidade “enquanto processo histórico e social, portanto contraditória e desigual” (CARLOS, 2004).

A partir das proposições especialmente de Straforini (2001), Santos (2005) e Callai (2005), pode-se afirmar que essas relações se concretizam no lugar. É no lugar que campo e cidade podem ser percebidos, mesmo que na predominância ou ausência de uma dessas formas espaciais, visto que não podem ser compreendidos fora das relações, dada a interdependência entre eles.

Acreditamos que a leitura espacial seja essencial à leitura de mundo, assim como o é a leitura da palavra. Para compreender as relações entre campo e cidade importa que se comece lendo o espaço imediato e percebendo como essas relações estão nele presentes.

E elas estão realmente presentes? Com a expansão do processo de urbanização, pode-se pensar que o rural se tornou um modo de vida em extinção, todavia, concordamos com a concepção de que existem formas de resistência e essas mantêm o rural vivo, não separado do urbano, mas integrado a ele, em relação com ele, mas ainda guardando suas especificidades.

Trabalhar em Geografia a partir das representações, como aqui foi proposto através de desenhos e diálogos sobre o campo e a cidade, é um primeiro passo para uma leitura espacial menos fragmentária. A partir da representação é possível conhecer os conhecimentos prévios do sujeito sobre determinado assunto e trabalhar a partir dele para uma reconhecimento do objeto estudado, considerando que as representações não são estáticas, nem imutáveis. Para além da leitura do espaço, acreditamos também na possibilidade da representação como uma forma de repensar estereótipos e preconceitos.

## REFERÊNCIAS

BERNADELLI, M. L. F. H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org.) **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2006.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno CEDES**, Campinas, v.25, n.66, p.227-247, maio/ago., 2005. Disponível em: <[www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)>. Acesso em: 05 fev. 2008.

CARLOS, A. F. A. A questão da cidade e do campo: teorias e política. **Mercator: Revista de Geografia da UFC**, ano 03, n.5, 2004.

CHIANCA, L. O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura: Revista de Ciências Sociais**, Goiânia, v.10, n.1, p.45-59, jan./jun., 2007.

CORIO, M. L. D. F. **O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto**: um elo entre a tradição e a modernidade. 2006. 176p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo, Universidade de Marília, Marília, 2006.

SANT’ANA DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 5.ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2004.

ENDLICH, Â. M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M. **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39.ed. São Paulo, SP: Cortez, 2000.

IANNI, O. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 4, n.7, jan./jul., 2002.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo, SP: Documentos, 1969.

PROCÓPIO, M. R. Chico Bento: uma análise das práticas educativas rurais e dos valores do campo difundidos pelo personagem de Maurício de Sousa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: Intercom, 2005.

RUA, J. et al. (Org.) **Para ensinar geografia**: contribuições para o trabalho com 1º e 2º graus. Rio de Janeiro, RJ: Access, 1993.

RUA, J. Urbanidades e novas ruralidades no estado do rio de Janeiro: Algumas considerações teóricas. In: MARAFON, G. J.; RIBEIRO, M. F. (Org.) **Estudos de geografia fluminense**. Rio de Janeiro, RJ: Infobook, 2002.

\_\_\_\_\_. Urbanidades no rural: o dever de novas territorialidades. **Campo-território: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v.1, n.1, p.82-106, fev. 2006. Disponível em: <[www.campoterritorio.ig.ufu.br](http://www.campoterritorio.ig.ufu.br)>. Acesso em: 05 fev. 2008.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo, SP: Edusp, 2005.





---

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia nas séries iniciais: o desafio da totalidade mundo.** 2001. 155p. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

SOBARZO, O. O rural e o urbano em Henri Lefebvre. In: SPÓSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural.** São Paulo, SP: Expressão Popular, 2006.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade na história e na literatura.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

**Carla Cristiane Nunes**

Professora-Mestre da Faculdade Metodista Granbery em Juiz de Fora; Formada em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestre em Educação pela mesma Instituição  
E-mail: [carlacrisnunes@gmail.com](mailto:carlacrisnunes@gmail.com)

**Vicente Paulo dos Santos  
Pinto**

Professor-Doutor do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Juiz de Fora; Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição; Formado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Mestre e doutor em Geografia Humana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
E-mail: [vicente.pinto@uff.edu.br](mailto:vicente.pinto@uff.edu.br)

Recebido e revisado pelo organizador em: 11/05/10  
Publicado em: 17/06/10